

5

Considerações Finais

“Quem é você?” perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.” (CARROL, 2010, p. 55).

Para chegarmos ao objetivo central desta tese, analisamos com um olhar geográfico o que foi o Mov. Ocupa, seu funcionamento e as novas relações de poder estabelecidas. Percebemos, com isso, que o próprio ato de ocupar o espaço escolar não leva à desalienação, mas possibilita a interrupção de alguns processos de amoldamento social, como por exemplo, o cotidiano programado.

Vemos na epígrafe destas considerações finais que a resposta que Alice dá à Lagarta vai ao encontro da fala do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso: “aos que entram nos mesmos rios, outras águas afluem”. Mudança. Talvez, seja essa uma das palavras-chave do Mov. Ocupa. Mudanças são sempre mudanças. Algumas um pouco mais duráveis, estáveis... Outras, tão intensas quanto passageiras. Mas a verdade é que tudo muda, tudo flui. Ao longo desta tese, analisamos a relação entre diversas formas de alienação (amoldamento social), a busca pela sua subversão e a produção do espaço escolar, por meio do Movimento Ocupa. Embora muitos possam pensar que de pouco ele adiantou, que, essencialmente, tudo continua igual, discordamos. Para nós, seria essa a avaliação de um pessimista ou de um megalomaniaco. Mas ainda não estamos céticos, o suficiente, para não acreditarmos que mudanças são não só possíveis, como necessárias e inevitáveis, sejam elas para o bem ou para o mal. E também não desprezamos o pequeno ou o residual. Existem mudanças tão pequenas, quanto significativas e que, futuramente, até podem levar a mudanças maiores, essenciais. Ainda assim, mesmo que não levem, já se bastam por si mesmas, pois também possuem seu valor.

O Mov. Ocupa surge dentro de um contexto de instabilidade política e econômica. Não podemos precisar o quanto cada evento anterior influenciou os estudantes ou os empurrou para aquele momento, mas, sem dúvida, havia um clima de contestação e indignação pairando no ar de todo território nacional. E, assim, em meio a esse clima, nasceram as ocupações. Dentro de uma fase de mudanças e, como dissemos, instabilidade. A escola é o lugar da ordem, do sentar-se enfileirado, de obedecer ao professor e ao diretor— ainda que não se concorde com as regras locais.

Vimos nascer com a ocupação uma espécie de subversão e rebeldia que, sim, está cotidianamente presente na escola - materializada como indisciplina e/ou apatia -, mas, dessa vez, tratava-se de uma “bagunça organizada” e não do descontentamento isolado de um ou dois estudantes. A “balbúrdia” era fruto de um descontentamento coletivo - pensado, organizado e criado por e pelos estudantes.

É inegável que a contemporaneidade tem nos reservado muitas facilidades, como tecnologias e apetrechos dos mais variados tipos, que facilitam nossa vida, fazendo, assim, termos mais tempo livre. Concomitante a isso, o atual momento do capitalismo parece também furtar-nos de nós mesmos. Além da alienação inerente ao modelo de produção vigente, as classes dominantes reforçam essa alienação por meio de vários procedimentos. Amoldamento social, fora esse o termo escolhido por nós a fim de caracterizar um conjunto de procedimentos e mecanismos que moldam nossos corpos e nossas mentes e nos conduzem à crise cognitiva contemporânea, onde o pensamento e a ação reflexiva são secundarizadas no cotidiano do homem comum. Reina a perda da consciência e a visão do mundo fetichizada, inclusive nas escolas.

Ainda assim, os corpos dóceis que habitavam o cotidiano das escolas, refuncionalizaram-se. Tornaram-se instrumentos e meios de luta. Corpos que ocupavam e resistiam. Corpos que já não se permitiam ficar sentados em uma carteira escolar, mas que circulavam por todo o espaço que, aos poucos, ganhava novas funcionalidades e significados. A preguiça que habitava aqueles corpos condicionados ia pouco à pouco deixando de existir. As práticas autogestionárias traziam consigo a necessidade de disposição, porque as antigas regras foram postas em cheque, mas novas regras surgiram e deveriam ser respeitadas. Os ocupas possuíam hora para acordar, fazer as refeições, limpar a escola, planejar e participar das atividades culturais, de lazer, pedagógicas, até para dormir.

A subversão estudantil dos ocupas, dessa forma, está ligada a ordem imposta pelo antigo cotidiano escolar. A ocupação foi o momento da “desordem organizada”, ou seja, de uma nova ordem. “Momento de acentuação das contradições cuja materialidade desperta ou impulsiona certa consciência. Momento de restituição da política por meio da emergência das contradições - ainda que novas contradições tenham se estabelecido” (RUA, 2019, informação verbal).

Durante toda a pesquisa, fomos guiados pela tese de que as ocupações das escolas da Rede Estadual do Rio de Janeiro possuíam o potencial de interromper os processos de amoldamento social das consciências e dos corpos.

E vimos que, de fato, o Mov. Ocupa permitiu o surgimento de novas formas de consciência. Acreditamos que as evidências, as análises e os argumentos aqui elaborados estiveram à altura do problema proposto. Isso não significa que colocamos um fim à questão - nem que nosso trajeto foi linear ou o único logicamente possível. Pelo contrário, existiam outros caminhos a serem seguidos, e optamos por um, em especial.

Nosso trajeto foi longo e sinuoso. Por vezes, surgiam quebras na continuidade do texto. Paradoxos aqui e ali e, ainda mais a frente, uma ou duas reviravoltas. O texto se debruça sobre si mesmo, se dobra, desdobra, redobra - assim como quem o escreve. Nele foram empregados meu tempo, minha energia mental, minha saúde física e um pouco da minha sanidade. Recursos, matérias-primas, sacrifícios necessários no árduo trabalho de se fazer pesquisa. Esse texto torna-se a materialização de minhas conjecturas e questionamentos e, por isso, carrega em seu código genético minhas idiossincrasias, meus atos falhos, minhas cicatrizes e neuroses.

A sinuosidade também é exigida pelo assunto abordado. O Mov. Ocupa nos remete às pinturas de Monet que quanto menor a escala de análise, mais nos deparamos com um caos de singularidades. Cada escola, um universo em si mesmo - com uma estrutura e gênese inimitável. Mas ao nos afastarmos, ampliando a escala, vemos sua universalidade. Os pontos desaparecem dando lugar a pintura completa, um todo de relações. Como analisar tal fenômeno sem fazer esse movimento de ida e volta, de aproximação e afastamento? Como escrever sobre nossas análises sem descompassos? Por vezes, indo aos tropeções, por vezes, nos demorando demais... A segmentação que impomos ao texto buscava reduzir essa sensação de caoticidade fluida, de redemoinho. Os capítulos são como momentos fechados em si, que carregam os outros apenas como sugestão. São como a clássica tríade dialética de tese, antítese e síntese.

Se no primeiro capítulo tecemos, em linhas gerais, as características do Mov. Ocupa - de um jeito um tanto quanto descritivo, no segundo capítulo, nos colocamos a destrinchar os complexos mecanismos sociais conscientes que limitam e influenciam nossa percepção e intervenção no mundo - talvez, de um jeito teórico demais. Entendemos que, por vezes, uma questão exige o demorar-se, a apreciação calma, para que não se escapem detalhes determinantes, para que o essencial não passe despercebido. No terceiro capítulo, surge uma combinação, não tão ordenada, mas acreditamos que orgânica, onde desenvolvemos as conclusões que emergem do conflito entre o que foi descrito e o que foi teorizado. Finalmente, alcançamos não o centro de nossa preocupação

inicial, essa já havia ficado bem delimitada durante a jornada, mas algo novo, além do que fora proposto. Talvez, o que, para nós, seja o fruto mais valioso desse trabalho.

Nossa tese, por si só, é um *detour* de nossas investigações anteriores, sobre o ensino da Geografia escolar e é interessante que, no fim, ela acabe nos levando de novo às antigas preocupações. Buscamos caracterizar o Mov. Ocupa em sua vivacidade, na relação entre as suas particularidades e sua universalidade, não escondendo as suas próprias contradições e fraquezas. Nossa caracterização das ocupações nos levou a um beco sem saída: Como elas foram possíveis? Dessa aporia vem a primeira reviravolta: Como se constroem social/espacialmente as consciências em nossa sociedade? A busca pela resposta dessa pergunta se tornou nosso Norte naquele momento.

Ao adentrar nos mecanismos conscientes e inconscientes do amoldamento social, e na forma como eles se manifestam nos espaços escolares, constatamos todas as dificuldades envolvidas na transformação da ação e pensamento dos sujeitos. Mesmo assim, submersos na cotidianidade, entorpecidos pela alienação, docilizados pela escola, esses jovens inverteram as relações de poder e criaram novas formas de organização do espaço escolar. Os mesmos autores, que nos apontam as dificuldades para que ocorra tal acontecimento, não se cansam de repetir que, mesmo assim, mudanças acontecem.

Tendo compreendido as formas de dominação e libertação das consciências, fomos capazes de compará-las aos atos e palavras de nossos jovens ocupa. Nessa comparação, as ocupações ganhavam novo brilho. Não o brilho opaco do entusiasmo romântico, mas o brilho que surge da riqueza da criação espontânea. Não tanto pelo que queriam ou pelo que alcançaram, mas pelo que fizeram no processo de realizar seus desejos - aí está a riqueza das ocupações – a experiência embrionária de autogestão escolar nascida em meio a luta dos estudantes secundaristas. Não somos defensores utópicos da autogestão, ela carrega problemas, disso não temos dúvidas. Mas não se pode negar que ela é mudança: o novo, que sempre vem.

As ocupações se dispersaram. Não sabemos se voltarão a ser a tática privilegiada pelos movimentos sociais novamente. Não sabemos se as ocupações futuras utilizarão a autogestão. Contudo, a partir da análise materialista dessa experiência de luta por uma nova produção do espaço escolar nos pusemos, quase que por um impulso inconsciente, a pensar o ensino de Geografia. Uma síntese dupla, poderíamos dizer, de toda a nossa trajetória acadêmica e também

de todo nosso encadeamento lógico. As ocupações podem não ter permanecido como centro da luta por uma nova sociedade, mas sua experiência ainda vive nas transformações que efetuou nas consciências. Nosso desejo é prolongar essa vida. Permitir que seja reexperimentada por outros sujeitos. Que seus efeitos sejam sentidos e experienciados por outras consciências.

Por isso, pensamos na potencialidade de ressignificar o ensino de Geografia, apresentando alguns princípios basilares. Não elaboramos um novo currículo ou didática da Geografia, pois isso fugiria ao escopo da nossa pesquisa. Ressignificar, ainda, não é reformular. A reformulação do ensino de Geografia é uma tese por si só, que poderá se alimentar do debate aqui travado. Por enquanto, estamos satisfeitos em apresentar o que chamamos provisoriamente de *ressignificação autogestionária do ensino da Geografia como práxis – Geografia em ato*. Acreditamos que essa formulação responde por si só o questionamento inicial que orientou esta pesquisa. As ocupações, por meio de experiências autogestionárias, transformou a consciência espacial daqueles estudantes, através da própria produção coletiva e consciente do espaço. Ressignificar o ensino da Geografia escolar, nessas bases, significaria recriar as experiências do Mov. Ocupa em “laboratórios”, que seriam as próprias salas de aula.

Sim, já assumimos anteriormente e faremos mais uma vez: Temos a consciência de que pendemos mais para um lado, do que para o outro. Tudo o que teve de bom e toda a potencialidade do Mov. Ocupa foi tratada com muito mais entusiasmo por nós, embora acreditamos não ter pecado tanto na falta de rigor aos evidenciarmos, também, as falhas e limitações do evento - que optamos chamar de movimento. Mas é que a vontade de fazer mais e melhor é tão grande; e a felicidade de ver que tem mais gente querendo fazer o mesmo é tão grande, que seria quase inevitável não ser assim. Sem escrita apaixonada, esperançosa e verdadeira – este trabalho não seria meu.

Sempre achei que a parte mais difícil de escrever alguma coisa fosse o começo. Hoje, porém, me vejo diante de uma nova dificuldade: escolher os últimos pensamentos que serão escritos e deixados para a reflexão. Afinal, encerrar “do nada” um texto cuja escrita demorou diretamente 4 anos e indiretamente 29 anos, não me parece tarefa fácil. Talvez, não seja o mais comum, ou o que exige o protocolo, me colocar no texto tanto assim. Mas gosto de ser sincera com quem me lê, revelando que a subversão sempre esteve dentro de mim e que os meus ainda breves 29 anos de vida me conduziram a ser quem hoje sou, a ler o mundo como hoje leio e a encerrar esta pesquisa como encerro.

O que deixo como palavras finais, por mera necessidade do cumprimento de formalidades, aponta somente para o fim desta pesquisa de tese e na mais desejosa vontade de uma escrita acadêmica bem sucedida, saiu meio que em versos – o que talvez ocorra quando o pesquisador apaixonou-se perdidamente por seu objeto de estudo, por sua pesquisa, por sua empiria.

Entendemos que ocupar foi uma ato de rebeldia, uma transgressão organizada e coletiva. Ocupando, os estudantes não só aprenderam História, mas fizeram história. Não só aprenderam Geografia, como grafaram aquele espaço tão habitual e, ao mesmo tempo, tão pouco conhecido. O uso fora liberado e a programação rotineira transgredida. De forma curiosa, cada espaço ia sendo investigado, desvelado, descoberto. Em muitos deles, tesouros trancados a sete chaves: livros didáticos, livros literários, computadores, equipamentos esportivos, mapas e tantos outros recursos guardados para não serem perdidos. Ora, guardados, estão absolutamente perdidos. O uso fora negado e perdeu-se a oportunidade do aprendizado.

Ocupando, os estudantes fizeram daquele espaço, um lugar. Sim, ele já era um lugar, antes mesmo da ocupação. Lugar repleto de histórias e experiências e sentimentos. Mas ocupando, aquele espaço, tornou-se o lugar. O lugar de estar junto, de sonhar junto, de pensar junto, de planejar e construir junto. O espaço tornou-se o lugar. Segunda casa. Lugar de afeto. Lugar onde aqueles estudantes queriam estar. O espaço dos indivíduos, tornou-se o lugar da coletividade e os laços de amizade e, principalmente, solidariedade floresceram. Quantos estudantes que viam a escola, enquanto lugar de passagem, puderam ressignificar suas práticas e sua visão acerca de seu próprio propósito em estar ali.

Ocupando, os estudantes inverteram o jogo de poder. Já não eram eles quem consultavam os professores, mas sim os professores que os consultavam: “Eu gostaria de dar uma aula sobre tal coisa. Vocês teriam interesse?”

Ocupando, criou-se uma nova escola. Parecia ser mais leve, mais sadia, mais interessante, mais didática, mais prazerosa, mais dinâmica, mais eficaz.

Ocupando, desvendou-se o véu que ocultava o papel do Estado. Arrancou-se as vendas dos olhos dos estudantes que compreendiam, enfim, como as coisas são e porque são e porque permanecem ou mudam para continuarem iguais.

Ocupando, os estudantes entenderam que ocupar não é pra qualquer um. Não é bagunça, balbúrdia, muito menos coisa de quem não tem disposição. Ocupar é comprar briga “com cachorro grande”, é ser acusado de invasor e ter sua luta deslegitimada pela fala de muitos que olham, mas não querem ver.

Ocupando, os estudantes reconhecem suas próprias limitações; Fazem autocrítica e percebem o quanto vacilam quando não usam, não cuidam, não se interessam e não se apropriam de um espaço que é deles.

Ocupando, os alunos reconhecem que, após meses de negociações, está na hora das coisas voltarem ao normal. Porém, sem nunca mais serem as mesmas. Sem nunca mais, eles serem os mesmos.